**OS CUIDADORES DO COMUM: A CULTURA E O
TERRITÓRIO QUILOMBOLA SOB A PERSPECTIVA DA
MATRIARCA E DOS ANCIÕES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA
DONA JUSCELINA**

**THE CAREGIVERS OF THE COMMON: QUILOMBOLA
CULTURE AND TERRITORY FROM THE PERSPECTIVE OF THE
MATRIARCH AND THE ELDERS OF THE QUILOMBOLA
COMMUNITY DONA JUSCELINA**

Kamila Ferreira dos Santos

Programa de Pós-Graduação em Estudos Cultura e Território – Universidade
Federal do Norte do Tocantins.

Contato principal: ferreira.mila3110@gmail.com

Resumo: Este texto objetiva conhecer os saberes sobre o território para Dona Juscelina, e demais Griôs da Comunidade. Através de entrevistas semiestruturadas, perguntamos sobre as manifestações culturais e representação do território. Os resultados, ainda parciais, da análise indicam que o comum como princípio político é um elemento central da forma como se perspectiva os saberes sobre o território e a cultura da Comunidade, sendo elemento fundamental na organização e gestão das práticas culturais comunitárias.

Comunidade, Cultura, Representação

Abstract: This text has the objective of knowing the knowledges about the territory to Dona Juscelina, and the others Griôs of the Community. Through of interviews semi-structured, we question about the culture manifestations and territory representation. The results, still partil, of the analysis indicate that the commom how political principle is an central elemento of the form how if perspective the knowledges about the territory and the Community culture, being fundamental element in the organization and management of the community cultural practices.

Community, Culture, Representation

Introdução

Através da vida da matriarca e dos anciões da Comunidade Quilombola Dona Juscelina, pretendemos observar suas percepções de cultura e território. A comunidade, da qual a autora faz parte, estabeleceu-se as margens do rio Murici em 1952, vivenciando e experienciando a terra, as águas e o viver em comunidade em torno dos saberes dos griôs. Os saberes construídos por eles e aplicados no cuidar do espaço, dos recursos e da vida cultural, defendemos, podem ser alcançados a partir da perspectiva do comum como princípio político (DARDOT; LAVAL, 2017, p.18).

Nessa etapa da pesquisa, nos centraremos na vida da matriarca e dos anciões, para desenvolvimento do cuidado do comum, buscamos assim, com contribuições de teóricos e de Griôs da Comunidade a produção desse trabalho, objetivando entender o cuidado com comum no Quilombo a partir organização e gestão das práticas culturais, as festividades, e a administração dos bens comuns.

O Festejo da Abolição, que nas palavras da matriarca é um galho, juntamente com o quilombo, tem raízes profundas na escravidão de negros cativos, como sua avó e outros ancestrais. Nesse sentido, a “irmandade” defendida por ela, é o princípio do cuidado em administrar a comunidade.

Como a autora é parte da irmandade e vive sob sua ordem, começamos falando de minhas memórias com o Festejo da Abolição, pois vamos entendendo a importância dos galhos e a relevância de tudo isso para manter viva na vida do quilombola a cultura e o território; seguiremos falando do pensamento de Dona Juscelina, das formas como ela nomeia o comum, conectando as dimensões que as teorias acadêmicas chamam território e cultura.

O comum 13 de maio

Pela madrugada já escuto o som da Alvorada, as músicas e tambores tocando, foguetes também, tudo as 4 horas da madrugada, e começo a viver e reviver o momento, e o 13 de maio vai surgindo com toda sua tradição.

Morando na mesma rua da casa da matriarca, ao acordar já escuto os movimentos de organização, tendas montadas, pessoas subindo e descendo, mais ainda não é o horário, fico aguardando as pessoas virem “se arrumar” na minha casa, pegar os ornamentos de decoração que deixaram aqui para não estragar durante a festa à noite. Vai chegando às 4 horas da tarde, as ruas começam a surgir os negros pintados, eu tirando fotos, dando água para os participantes com sede de esperar, pois a ansiedade é grande e muitos chegam cedo para pegar o melhor lugar para assistir o Teatro da Abolição.

A princesa chega, aí é a hora que desço, tenho que assistir à cerimônia religiosa também que é antes do teatro, já chego sendo apresentada aos convidados de fora, pessoas de todo lugar, centenas, até milhares. As balizas

todas arrumadas, os negros começam se organizar, e tudo se prepara para o início (sempre mais de 16 horas).

Eu já observo o fim da cerimônia religiosa, a organização do cenário do teatro, posição de som, e tudo agora parece começar de verdade, o silêncio vai se instaurando, as pessoas posicionadas em todos os lugares, em cima das calçadas da igreja, das casas próximas.

No teatro tudo tem o mesmo ritmo, o mesmo significado dentro de mim, a mesma sensação, em muitos anos de minha, presentes em cada um, as memórias se parecem no momento crucial do teatro e no fim com a matriarca cantando “Salve a princesa Isabel...” tudo volta, volta aos meus 5, 10, 15, 20 anos, a memória se aprimora nos detalhes, o coração acelera, pois os momentos são únicos e fazem parte de mim, as batidas de tambores da fanfarra me lembram os ensaios na rua da minha casa semanas antes, as balizas, baianas, ciganas, negras mariamas, tudo devidamente colocado e ensaiado para o grande desfile nas ruas, “a família real à frente e atrás vem...” aquela agonia para organizar tudo, que ao sair em desfile conta e reconta a história dos negros em Muricilândia (TO).

O fim é sempre um recomeço, eu já fico aguardando o fim passando na minha rua, na porta da minha casa, pois assim consigo ver melhor como tudo ficou, ao chegar ao fim as batidas de tambores, as músicas tocadas e dançadas sempre iguais todos os anos, me vem memória dos anos anteriores e surgem as comparações em minha mente, as poucas diferenças observadas, os detalhes, a tradição mantida. A festa não acaba tem sempre o jantar e depois continua. Eu já estou cansada, todos estão, mas o momento é vivido com intensidade e maioria só se retira pela madrugada.

Por que iniciar esse texto falando do festejo do 13 de maio? Minha matriarca, dona Juscelina (Lucelina Gomes dos Santos¹), tem tanto orgulho desse trabalho, que sem dúvida é a prática cultural mais comum entre nossa comunidade, envolve todos nós, é motivo de dias e dias de ensaio e preparação, e não tem ninguém que nós deixamos de convidar para vim assistir nossa festa. Continuaremos falando da matriarca do quilombo, dona Juscelina, e da Comunidade Quilombola Dona Juscelina.

Dona Juscelina

Dona Lucelina é a matriarca dessa comunidade, uma mulher negra, militante política, foi parteira, é rezadeira, devota de Padre Cicero, que esse ano recebeu o Título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal do Tocantins. Chega em 1962 trazendo o Festejo da Abolição, a comunidade passou a comemorar o festejo juntamente com ela e sua família, tornando essa

¹ Lucelina Gomes dos Santos, Presidente da comunidade Quilombola Dona Juscelina, Doutora Honoris Causa, Rezadeira e Devota.

feita cultural e iniciando a luta do negro nesse quilombo em torno das práticas quilombolas por meio de danças e comemoração à Abolição dos Escravos, é neta de cativo, e hoje luta para manter viva a cultura deixada pelos antepassados. Mulher de resistência que luta constantemente pelos seus ideais.

Dona Juscelina como é nacionalmente conhecida chega em 12 de outubro de 1962, realizando o primeiro festejo da abolição em 1968, festejo esse, herança familiar, de que ela muito se orgulha de realizar, além do festejo que comemora em 13 de maio em louvor a princesa Isabel que assinou a Lei Áurea, festeja a libertação dos escravos, o festejo ocorre da mesma forma que ela aprendeu com o tio, às 4:00 horas da manhã a alvorada, às 16:00 horas da tarde o teatro da abolição representando a assinatura da Lei, as figuras da princesa, o príncipe, seu pai e sua mãe, são representados por pessoas da comunidade escolhidas pela matriarca, antes do teatro a missa ecumênica, após o teatro o desfile pelas ruas da cidade, cantando músicas de abolição e dançando em lembrança a libertação dos escravos.

O quilombo em suas palavras é um galho de uma árvore com raízes profundas na escravidão, no sofrimento, o Festejo da Abolição vem rememorando esse sofrimento e representando em suas palavras a árvore.

Quilombola é um galho que uniu com a minha, é um galho, negócio de procurar vim do Rio de Janeiro me procurar pra mim dá uma pequena história pra eles, aí com isso eles foram juntando e já formou esse galho de quilombola, e vai formar outros. (SANTOS, 2017, p. 06)

Sendo o quilombo um galho que se uniu com o festejo do quilombo, festejo da abolição, se uniu surgindo na comunidade diversas práticas culturais, práticas comuns a todos, pois participa e dissemina quem faz parte da comunidade.

A matriarca prega a união na gestão da comunidade, hoje Associação da Comunidade Quilombola Dona Juscelina, com o Conselho de Griôs (Pessoa(s) mais velhas que, na comunidade, detém a memória do grupo e funcionam como difusores de tradições), tem mais de 236 famílias associadas e tem, junto com a presidente e vice e toda mesa diretora, o papel de cuidar e administrar a comunidade, receber quem vem visitar, e compartilhar saberes.

No início de 2021 ocorreu a eleição na Comunidade, a mesma ocorre a cada 2 anos, dona Juscelina agora é presidente, as reuniões ocorrem na frente da sua residência também sede do quilombo, nesse local ela também recebe a Universidade, políticos, membros da comunidade, amigos, devotos, sua casa tem um altar onde ela reza e faz suas devoções, também reza por todos estes que passam pela sua casa. A comunidade também compartilha práticas, ensinamentos e a administração por meio de grupo de whatsapp, encontros e seminários.

O Conselho de Griôs tem parte fundamental no processo de aconselhamento da comunidade, eles recebem os mais jovens, compartilham o

que sabem, transmitem saber e participam junto com a matriarca ativamente de todos os processos e práticas do quilombo.

Os Griôs da Comunidade Quilombola são: Dona Juscelina, Dona Cicera (in, memória), Seu Carlindo, Seu Dadá, Seu Geraldo, Dona Vitória (in memória) e Seu Manoel dos Santos. Todos com saberes a compartilhar e que desde que chegaram à comunidade participaram de todas as práticas culturais quilombolas contribuindo para o crescimento dessa comunidade.

Uma das primeiras habitantes de Muricilândia (TO), dona Cicera², Griô da Comunidade Quilombola Dona Juscelina. Conhecedora da história da comunidade, é certamente uma grande transmissora de saberes, com conhecimentos importantes, entende de ervas medicinais, belíssima contadora de história sempre à disposição, conta muito bem e com grandes detalhes. Ela nos conta como se deu a chegada dos primeiros habitantes:

Seu João Paulino veio era as coisas colocadas em um jumentinho, naquele tempo botava até o chocalhozinho no jumento, aí o pessoal vinha atrás, andando devagarinho, quando cansavam de andar, aí eles se sentavam debaixo de uma árvore, descansava, tirava as cangalhas dos jumentos para descansar, aí todo mundo nessa época chegou aqui através do jumentinho, mas só que o jumento carregava as roupas, coisa para comer, e a gente vinha andando. (ALMEIDA, 2017, p. 07)

Seu João Paulino foi um dos primeiros habitantes de Muricilândia (TO), veio com outros após avistar do alto do morro onde foi encontrada a cruz, uma mata verde onde parecia ter um rio próximo. Os primeiros habitantes chegaram nessas terras em 1952, eram romeiros de Padre Cícero e guiados pela romeira Antônio de Barros, que teve uma visão do Padre Cícero mostrando-a um território de bandeira verde, um morro com uma cruz em cima, onde teria abundância de terra e água.

Em 1952 a história desse território começa a ser registrado nas memórias de quem estava ali, e quem está vivo conta hoje como forma de transmissão de saber, nos faz viajar nessas lembranças e continuar reproduzindo. E nos contam que:

As pessoas que estavam aqui eram o Seu João Paulino, era um tio meu Zacarias, Seu Barnabé, Seu Manoel Barracão, a dona Vitória, eu acho que o padrinho já estava com a Sila ali, esse povo mais velho, Seu Vicente Cajú, a irmã do Seu João Paulino, (...) as nossas casas tudo eram perto. (ALMEIDA, 2017, p. 09)

A terra fértil para plantar não retirou as dificuldades vividas, mas aproximou aquele povo que é esse povo quilombola. Se plantava arroz, abóbora, melancia, pepino, quiabo, maxixe, dentre outras coisas, os rios tinham peixes, as matas tinham caças. Nas histórias contadas temos essas memórias do que se comia e de como se vivia:

² Cicera Vieira Almeida, in memória, Griô mestre das plantas medicinais, faleceu em março de 2021.

Teve uma época que não tinha arroz, só tinha arroz pra plantar, mas aí tinha muita caça, tinha muito peixe, e aí quando começava chover plantava abóbora, melancia, quiabo, maxixe, aí o pessoal, aquelas mulheres pegava os maxixes, abóbora, e até pepino. Teve gente de fazer caldo de pepino pra comer, porque as vezes não tinha outra coisa, ou então botava abóbora no fogo fazia o quinepe de abóbora com quiabo, maxixe e folha de taioba. (ALMEIDA, 2017, p. 01)

A convivência próxima, a partilha no território, a plantação, a situação de todos naquele momento, reflete hoje a situação desse povo que cresceu em número, em descendentes, cresceu em histórias, em vidas, hoje é localizado em Muricilândia (TO), se intitula Comunidade Quilombola Dona Juscelina e tem cerca de 236 famílias, mas está sem território definido.

Território é comumente definido como área de espaço delimitada por fronteiras a partir de uma relação de posse ou propriedade. O território para essa comunidade é seu espaço de plantar, de preservar de contar e recontar histórias de viver perto e compartilhar um com o outro vivências e convivências e espaço de cultura, também.

Claude Raffestin (1993) entende que território se forma a partir do espaço, que “é essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território.” O território forma-se a partir do espaço. O território é o resultado de uma ação conduzida por um ator que realiza um programa em qualquer camada. Como Raffestin (1993) entendemos que assim é o território para esse quilombo.

Essa comunidade está em um processo de territorialização, buscando e lutando pelo seu território, pois o espaço foi, é e sempre será seu espaço de luta, mas ainda há a necessidade de apropriar concretamente esse espaço, porque como explica Raffestin (1993, p. 143) “Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator ‘territorializa’ o espaço.” O Quilombo segue tendo como representação uma forma de apropriação desse espaço.

As práticas de territorialidade são de todos, são comuns, pois o território que se luta para alcançar é para práticas culturais, moradia, plantio, é para a convivência de todos, para valorização da história do negro quilombola, é um espaço pertencente a esse povo que vem lutando e resistindo as opressões a anos, é comum o desejo pela terra e pela partilha da mesma, é comum o sonho de viver e reviver experiências passadas de geração em geração em um território do Quilombo reconhecido e delimitado.

Os Cuidadores do comum: cultura e território na história de vida da matriarca e dos anciões da comunidade quilombola Dona Juscelina

Definido por Dardot e Laval (2017) como um “princípio político”, observando que vivemos um estranho momento de incertezas, segundo ele

vivemos “a tragédia do não comum” onde o espírito capitalista que vem sendo intolerável para a humanidade, no momento do cosmocapitalismo que submete a vida a uma lógica normativa geral levando assim a mesma a seguir o ritmo e os objetivos da acumulação capital, se concretiza assim “A emergência estratégica do comum”. O termo Comum presente em *multitude* definido por Michael Hardt e Antonio Negri (2017), veio a se tornar denominação de um regime de práticas e lutas que se direcionam ao futuro não capitalista.

De sua parte, Michael Hardt e Antonio Negri produziram a primeira teoria do comum cujo mérito histórico foi o de levar a reflexão do plano das experiências concretas dos *comuns* (no plural) para uma concepção mais abstrata e politicamente mais ambiciosa do comum (no singular). Em resumo, “comum” se tornou a designação de um regime de práticas, lutas, instituições e pesquisas que abrem as portas para um futuro não capitalista. (DARDOR; LAVAL, 2017, p. 18)

O conceito de *multitude* na sociologia é entendido como qualquer agrupamento humano contendo um número grande de indivíduos atuando ao mesmo tempo, não obrigatoriamente em comum, dentro de um espaço sócio-cultural, ou político, ou econômico.

E hoje essa questão do “comum” se torna muito significativa no sentido de anular crenças que são depositadas no Estado (Governo), buscando resgatar “responsabilidades” e submete-las a participação política da maioria. Visto que o capitalismo é um sistema econômico baseado na propriedade privada dos meios de produção e sua operação com fins lucrativos, e o neoliberalismo que defende em favor de políticas extensas de liberalização econômica, como exemplo as privatizações. Dardot e Laval defendem a importância do “comum” explicando que:

Na realidade se hoje a questão do comum é tão importante, isso se dá porque ele anula brutalmente as crenças e as esperanças progressistas depositadas no Estado. Está claro que se trata não de fazer eco à condenação neoliberal das intervenções sociais, culturais ou educacionais do estado, mas de resgatá-las de seus limites burocráticos e submetê-las à atividade social e a participação política da maioria. (DARDOR; LAVAL, 2017, p. 15)

Entendendo que burocracia é uma organização caracterizada por regras e procedimentos explícitos e regularizados, divisão de responsabilidades e especialização do trabalho, hierarquia e relações impessoais, a teoria do comum abre um novo caminho, que não significa fazer uma repercussão de condenação neoliberal e suas intervenções, a intenção é resgatar essa burocracia e colocar à disposição das atividades sociais e da participação política da maioria.

Uma questão importante abordada no livro “Comum”, que se faz necessária de reflexão, é sobre o papel da sociedade em relação ao seu desenvolvimento social coletivo, se tornou algo particular alcançar “sucesso” educacional, financeiro, onde a maioria é reduzida a impotência e incapacidade de “vencer”. A emergência estratégica do comum se torna útil no sentido de colocar à disposição da população a responsabilidade de resistência coletiva e

participação nas lutas, práticas, nas pesquisas da população. Dardot e Laval (2017) destacam que:

Tornar-se “empreendedor de si mesmo”, “assumir responsabilidades”, “superar suas metas” são injunções que não predispõem a resistência coletiva dos assalariados em posição de dependência e subordinação. Se os que “vencem” sabem muito bem defender coletivamente suas posições, os que naufragam ficam isolados na competição geral e são reduzidos a impotência. (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 16)

A teoria do comum abre caminho para um olhar político coletivo, de minorias que são majorias, se faz necessária a participação política ativa não só do Estado para superar o capitalismo e o neocapitalismo difundidos fortemente na sociedade. Debater temas sociais, ser ativamente participativo hoje traz a tona questões climáticas, políticas, questões de enfrentamento à violência, pobreza, preconceito, racismo.

Como a comunidade torna essa teoria do comum como algo prático no viver? Como é a gestão do quilombo? Vamos primeiro entender como foram se unindo os quilombolas dessa comunidade e como foram construindo suas práticas culturais, em observar como a comunidade aplica essa teoria na sua administração por seus quilombolas. Trazendo a concepção de Geertz (2008) que assume a cultura como sendo teias, e o homem é amarrado a essas teias de significado que ele mesmo tece.

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 2008, p. 04)

Geertz (2008) diz buscar a análise dessas teias por meio da ciência interpretativa na procura por significado, ou seja, o homem é amarrado às teias, que são culturas em busca significado.

O quilombo também pode ser entendido dessa forma, como um emaranhado de teias, um emaranhado de culturas buscando significado, ou melhor, com significados construído pelo próprio quilombo, talvez, para alguém de fora, seja difícil ver significado nas festividades, rezas, grupos, reuniões e mais outras teias na comunidade, mas para o quilombo tudo isso tem significado construído e apreendido, e não precisa ir longe, pois está absolvido, está entrelaçado nos quilombolas, ou melhor, no quilombo.

Já entendemos que o 13 de maio é muito importante para todos, para matriarca é uma responsabilidade sua e do quilombo se empenhar nesse festejo, assim como é importante transmitir as histórias, narrativas e memória dos antepassados cativos. Mas o quilombo ainda vivencia uma diversidade cultural, uma mistura, nas representações, nas práticas. Bhabha (1998) traz algo sobre essa diversidade cultural importante de destacar.

A diversidade cultural é o reconhecimento de conteúdos e costumes culturais pré-dados; mantida em um enquadramento temporal

relativista, ela dá origem a noções liberais de multiculturalismo, de intercâmbio cultural ou da cultura da humanidade. A diversidade cultural é também a representação de uma retórica radical da separação de culturas totalizadas que existem intocadas pela intertextualidade de seus locais históricos, protegidas na utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única. (BHABHA, 1998, p. 63)

A diversidade cultural também é representação na arte de bem argumentar, causando separação de culturas intocadas pela relação entre textos nos seus locais históricos, seguras no seu lugar ideal nas memórias lendárias. Representar é tornar significativo, e foi representado essa identidade coletiva única nas memórias de muitos.

Observando que a diversidade cultural é a valorização de costumes pré-dados, fazendo assim trocas culturais importantes. Há uma comunicação e troca de saberes entre os quilombolas e os quilombos, essa comunidade veio de um grupo de Romeiros que se dividiu formando outros quilombos, suas práticas e diversidades culturais em muitos momentos são comuns, o ponto alto, algo que marca o Quilombo Cocalinho é o Lindô, que são danças também.

O Quilombo Dona Juscelina tem tradicionalidade e também adequação aos momentos atuais, estatutos, diretoria, eleição, contribuição financeira para mantimento das despesas, projetos que necessitam do apoio de todos ou da maioria. Tudo isso vai se enquadrando as bênçãos, as conversas entre quilombolas, os ensinamentos, as rezas, as ervas e cuidados coletivos uns com os outros, sem deixar de lado as questões políticas e sociais, a luta por território, por preservação das tradições e costumes.

Nesse ponto se faz necessário deixar de lado o que já se tem de concepção, e olhar para como o quilombo se vê, se relaciona, se entende mesmo diante dos conflitos, quais rumos o quilombo quer tomar, observar as experiências e a gestão dos bens de todos da comunidade. Geertz (1997) explica bem isso quando fala em encaixar as experiências de outros dentro de molduras e tendo isso como empatia.

Em vez de tentar encaixar a experiência das outras culturas dentro da moldura desta nossa concepção, que é o que a tão elogiada “empatia” acaba fazendo, para entender as concepções alheias é necessário que deixemos de lado nossa concepção, e busquemos ver as experiências de outros com relação a sua própria concepção do eu. (GEERTZ, 1997, p. 91)

Uma comunidade quilombola é capaz de ser gestora de sua cultura e território, capaz de entender seu território, sua cultura, suas necessidades coletivamente, em comum, em parceria, sendo um “princípio político”, sendo algo tradicional, o importante para matriarca é a união a “irmandade” como ela mesma nos diz. Cuidando dos bens comuns, preservando, mantendo e buscando nosso território e cultura.

E temos a necessidade de viver em união como ela ensina. Também precisamos viver e reviver nossa história através das memórias dos nossos

Griôs, através deles vamos mergulhando no passado, desvendando e fazendo ponte entre a Universidade, e outros locais de fala, para nos tornar protagonista da nossa história, levar nossas narrativas através de nossos textos, nos valorizar.

No quilombo é “Comum” as lutas e os desejos o “princípio político” que se fortalece no coletivo, na comunidade, e transmite força e sabedoria para os que combatem a mesma luta dos âmbitos onde estão/são “individuais” nos locais de fala. A reflexão começando no quilombo nos faz buscar leituras de pessoas como nós que nos compartilham e agregam lutas.

No texto desencobrir o Sul teórico de Dernival Ramos (2020), meu orientador, percebemos que nossa cabeça precisa combinar com o local onde nossos pés pisam, ou seja, concordar, relacionar as produções e leituras com o local de onde estamos, pois cada um tem seu Sul.

Por esse motivo, o “descobrir” autores, autoras e autorias do Sul é aceitar um gesto de despersonalização, sair de nós e, à instância de outros, andar por aí a descobrir-nos. Trata-se de fenômeno conhecido: Dom Pedro Casaldáliga a tempo convida-nos fazer coincidir nossa cabeça com o lugar em que nossos pés pisam. (RAMOS JR., 2020, p. 104)

Qual é o meu Sul? Qual o Sul que habito ou que habita em mim? É meu Quilombo, minha Comunidade Quilombola, tenho responsabilidade com minha matriarca e com todos os quilombolas daqui, e tenho responsabilidade e respeito por minha querida dona Cicera quem participou junto da construção desse texto, minha parceira de trabalho que nos deixou, mas permanece viva “in memória”.

Conclusão

O cuidado do comum na nossa comunidade, nossa cultura, nosso território ainda desejado, nossa cor, parte do comum, das práticas comuns, dos ensinamentos e saberes que são comuns a todos, parte da união, da luta, da força, e vai além desse espaço físico, chega nas Universidades, em Brasília, e em tantos lugares através de cada quilombola, que entende que o Comum é todos e que a Gestão do Comum é nossa.

Referências

- ALMEIDA, Cicera Vieira. *Dona Cicera – Duração 1h18mim – Entrevista concedida a Autoria no dia 21 de abril de 2017.*
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI.* 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. I. ed., IS.reimpr. Rio de Janeiro : LTC, 2008.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Editora Ática S. A., 1993.

RAMOS JR., D. V. Desencobrir o sul, desfetichizar o pensamento. Revista EntreLetras, Araguaína, v. 11, n. 2, p. 103-121, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/10240/17561> Acesso em 18 de março de 2021.

SANTOS, Lucelina Gomes dos. *Dona Juscelina* – Duração: 52:42 minutos – Entrevista concedida no dia 18 de maio 2017.

Submetido: 27/07/2021

Aprovado: 03/09/2021